

L I F E S T Y L E

OBSERVADOR

CRIAR COMPRAR RECORDAR SAIR COMER

Novos artesãos
Novas lojas
Novas marcas
Novas ideias
Número especial
100% português

A MELHOR
148
PÁGINAS
CRIATIVIDADE NACIONAL



XUXO
2 ANOS

CÉLIA ESTEVES
35 ANOS

2017
NÚMERO UM
4,90€

TAPETES GUR
4 ANOS



OLAIO

A MARCA QUE
MOBILOU O PAÍS
(E QUE QUER VOLTAR
ÀS NOSSAS CASAS)

ANA DIAS FERREIRA

A SALA DE JANTAR CARAVELA,
DA DÉCADA DE 60, TORNOU-SE UMA
DAS MAIS POPULARES DA OLAIO.



DECOROU HOTÉIS, ESCOLAS E HOSPITAIS. INVADIU AS CASAS DA CLASSE MÉDIA E ATÉ O PARLAMENTO. NA DÉCADA DE 60, ERA TÃO CONHECIDA QUE CHEGOU A FAZER MÓVEIS PARA A IKEA. FUNDADA HÁ MAIS DE 130 ANOS, FALIDA HÁ 20, A OLAIO QUER VOLTAR A FAZER MOBILIÁRIO PORTUGUÊS DE QUALIDADE — E TEM QUATRO CADEIRAS PARA O PROVAR.

Fosse para enviar uma carta, aguardar por uma consulta, tomar um café ou ver uma peça de teatro, o mais provável era encontrar uma mobília da Olaio no caminho. Entre meados da década de 1930 e final dos anos 80, os móveis construídos na fábrica da Bobadela estavam não só dentro de casa mas também nos Correios, nos hospitais, nas escolas, nos ministérios, nas repartições públicas, nos hotéis, nos teatros, nos cafés, nos filmes portugueses e até no Parlamento. Uma parte da história do país está sentada nas cadeiras e poltronas da empresa fundada por José Olaio em 1886, no Bairro Alto, e declarada falida em 1998, já fora das mãos da família.

Reza a lenda que o então jovem marceneiro decidiu abrir a loja da rua da Atalaia depois de transformar dois caixotes de madeira comprados na Casa Havanesa em duas mesas de cabeceira, forrando-os com folha de raiz de mogno. Mais ou menos mitificado, o gesto do fundador acaba por ser um prenúncio da visão e inovação da marca ao longo de toda a sua história – desde o início, a Olaio não se limitou a martelar madeira mas foi também das primeiras a desafiar artistas, como o caricaturista republicano Leal da Câmara a desenhar as suas mobílias.

Mas falar da modernidade da Olaio é falar, sobretudo, de três nomes: Tomáz Olaio, José Espinho e Herbert Brehm. O primeiro era filho do fundador e um industrial com visão, que não só convenceu o pai a lançar uma marca de produção própria como saiu do Bairro Alto e lançou o processo de modernização da Olaio, já na fábrica da Bobadela. O segundo foi o designer que percebeu que os móveis que toda a gente queria (mesmo quando ainda não sabia que queria) estavam no norte da Europa, e que trouxe para Portugal o modernismo escandinavo, deixando na gaveta – agora funcional e de madeira – os grandes ornamentos. Já o terceiro foi o engenheiro alemão contratado

para vir pôr a funcionar a máquina plana de corte de folha que a Olaio comprou no final dos anos 50 – também ela alemã, e com a qual ninguém sabia mexer —, e que marcou a transição do sistema de produção manual para o sistema de produção em série. Juntos, os três puseram a Olaio nas bocas do mundo, nos escritórios do país, nos hotéis de cinco estrelas e nas casas da classe média.

Já desde 1934, a empresa familiar tinha saído do âmbito doméstico e era uma das fornecedoras do Estado, dando resposta à encomenda pública que tanto incluía mobiliário para as universidades como para as escolas e os hospitais. Mas é sobretudo nos anos 60 e 70, com o bom gosto de José Espinho, a capacidade de resposta da fábrica e as grandes obras do turismo, que a Olaio vai para fora cá dentro e começa a fazer os móveis e a decoração de hotéis como o Ritz, o Estoril-Sol e o Tivoli, os teatros Monumental, Éden e Politeama, e os cafés Império e Mexicana, entre muitos outros. É também nessa altura que ganha os contratos de licença para produzir e comercializar marcas estrangeiras, como a sueca Lundia e a alemã Interlübke.

Décadas antes de a Ikea chegar a Portugal, o prestígio da Olaio já tinha chegado à Suécia, e a marca azul e amarela encomendou, inclusivamente, uma cadeira à fábrica portuguesa nos anos 70. “A parceria não continuou porque a cadeira era demasiado boa e o preço de venda era quase igual ao custo de produção”, conta Conceição Seródio, do Centro de Documentação do Museu de Sacavém (que há um ano recebeu a exposição “Móveis Olaio – Produção. Inovação. Qualidade”, e se prepara para lançar um livro sobre a marca). Ainda antes disso, a Olaio já tinha uma cadeira que se vendia toda desmontada e numa caixa igual às que hoje levantamos nos corredores *self service*, um dos muitos exemplares das linhas Pratic, Expert e Prefa (abreviatura de pré-fabricado) criadas no princípio dos anos 60.

ASCENSÃO, QUEDA E UM RELANÇAMENTO EM QUATRO CADEIRAS

Quase um século depois da fundação da José Olaio & C^a (Filho), muitos móveis da Olaio continuam sem mazelas, mas o mesmo não se pode dizer da empresa. Mais do que um fator decisivo, há várias razões que estarão por trás da falência e desmantelamento da fábrica, entretanto ocupada por várias empresas no



1. A EMPRESA NASCEU AINDA NO SÉCULO XIX, QUANDO JOSÉ OLAIO RESOLVEU ABRIR UMA LOJA DE MÓVEIS NA RUA DA ATALAIA, NO BAIRRO ALTO, EM 1886. ESTES ERAM ALGUNS DOS MARCENEIROS QUE TRANSFORMAVAM A MADEIRA EM MOBÍLIA.

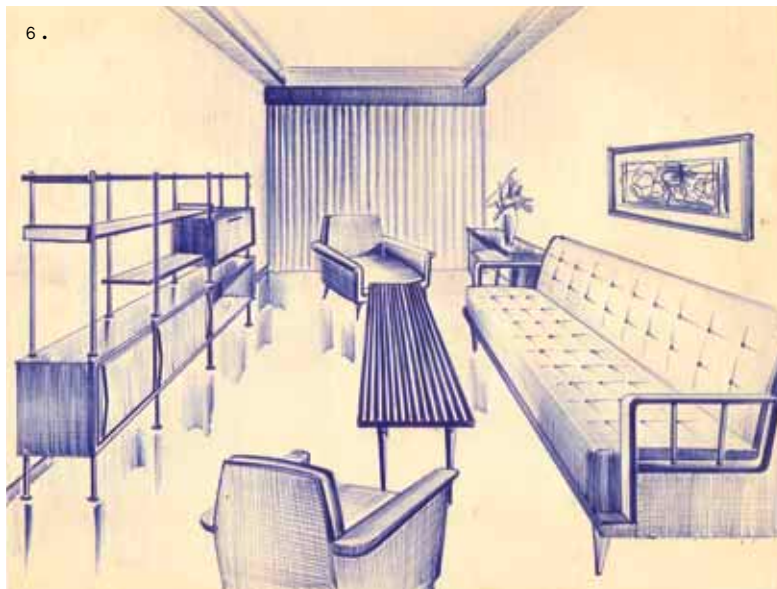
2. NOS ANOS 50 COMEÇARAM AS VISITAS A FÁBRICAS E CONGRESSOS NO ESTRANGEIRO (SOBRETUDO AO NORTE DA EUROPA), ASSIM COMO A PARTICIPAÇÃO EM FEIRAS, PARA MOSTRAR AS NOVIDADES DA MARCA.

3. ENTRE OS CLIENTES DA OLAIO CONTAVAM-SE VÁRIOS HOTÉIS COMO O TIVOLI (NA FOTOGRAFIA), O RITZ, O ESTORIL-SOL, O FLAMINGO, O EXCELSIOR, O CONTINENTAL E O GRANDE HOTEL DA FIGUEIRA.

4. NO FINAL DA DÉCADA DE 50 A OLAIO TEVE DIREITO À SUA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, GRAÇAS A ISSO FOI POSSÍVEL COMEÇAR A FAZER MOBILIÁRIO EM SÉRIE E GANHAR CONTRATOS DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE MARCAS ESTRANGEIRAS COMO A SUECA LUNDIA, CONHECIDA PELAS SUAS ESTANTES, E A ALEMÃ INTERLÜBKE.

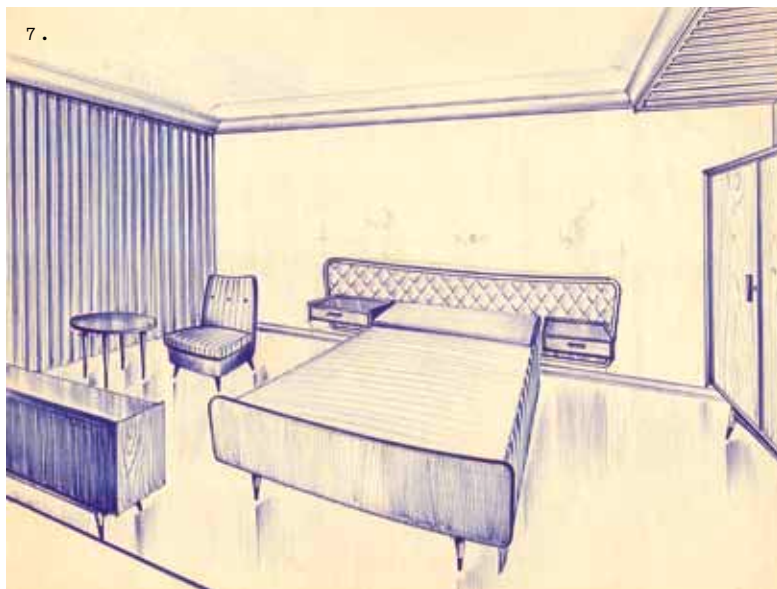
5. EM 1962, POUCO DEPOIS DO LANÇAMENTO DAS LINHAS EXPORT, PRATIC E PREFA (DE PRÉ-FABRICADO), JÁ HAVIA UMA CADEIRA OLAIO QUE SE DESMONTAVA TODA E ERA VENDIDA NUMA CAIXA, COMO HOJE ACONTECE COM A IKEA. A CADEIRA DESENHADA POR JOSÉ ESPINHO ERA “TOTALMENTE DESMONTÁVEL PARA EXPORTAÇÃO”.





6/7.
QUANDO A FÁBRICA DA
OLAIO FOI DESMANTELADA,
ENCONTRARAM-SE 590 DESENHOS
QUE DERAM ORIGEM A UMA
EXPOSIÇÃO NO MUSEU DE
CERÂMICA DE SACAVÉM.

8.
A FAMÍLIA TEM FEITO VÁRIOS
ESFORÇOS PARA RECUPERAR
A MARCA E EM 2016 FOI A
VEZ DE A QUARTA GERAÇÃO
VOLTAR À CARGA. ATUALMENTE
JÁ ESTÃO A SER PRODUZIDOS
QUATRO MODELOS DE CADEIRAS,
INCLUINDO A FAMOSA CARAVELA.



7.

9.
MODELO CARAVELA
COM BRAÇOS

10.
MODELO BRASIL

11.
MODELO CAPRI

12.
MODELO FORMA



8.



9.



10.



11.



12.

recém-batizado Parque Industrial Olaio. Para além da saída do trio Tomáz Olaio, José Espinho e Herbert Brehm (ainda hoje a viver em Portugal), o investimento brutal feito na modernização, a diminuição da encomenda pública nos anos 70 e o aparecimento da concorrência depois do 25 de Abril, aliados ao aumento da procura a baixo custo, fizeram com que a empresa tivesse dificuldades em competir no mercado. A machadada final deu-se em 1987, quando Antero Olaio (irmão de Tomáz Olaio) vendeu toda a empresa a Mota Marques, para surpresa da restante família. Em 1998 foi declarada a falência.

Com o desmantelamento da fábrica, os móveis que sobreviveram foram parar a antiquários e lojas *vintage* (onde uma mesa original chega a custar 800€), mas os herdeiros não desistiram. Em 2004, José Pedro Olaio, neto do fundador, abriu uma pequena fábrica em Torres Vedras para continuar a produzir a marca. O projeto não vingou, alegadamente por lhe faltarem os técnicos e a sofisticação da fábrica da Bobadela. Em 2016 foi a vez da quarta geração voltar à carga.

“Tem sido um trabalho intenso, com muita investigação”, diz João Olaio, bisneto do fundador, que nos últimos dois anos tem-se dedicado ao levantamento dos protótipos de cada móvel – acompanhado por alguns antigos trabalhadores da fábrica – e a uma atualização técnica dos modelos originais. “Passou muito tempo e naturalmente houve uma grande evolução em termos industriais e de fabrico, mas atualmente já estamos em fase de produção numa fábrica em Portugal.” Para começar, e talvez porque nestes últimos 20 anos os herdeiros tiveram de esperar sentados, foram colocadas no novo *site* da marca quatro cadeiras de modelos famosos (Capri, Brasil, Caravela e Forma), que podem ser encomendadas com diferentes acabamentos. Os preços variam entre os 120€ do repousa-pés da poltrona Capri e os 1.250€ da própria poltrona que, com as mesmas linhas *vintage* de meados do século passado, vem agora equipada com um selim hidráulico que permite reclinar as costas “milímetro a milímetro”.

“A ideia é alargar a produção a outras peças que fazem parte das coleções originais da marca, como aparadores e mesas”, afirma João Olaio. Datas de um relançamento oficial ainda não há. O que há é a certeza de que “é viável fazer mobiliário português de qualidade”, e a convicção de que há certas histórias, como a da Olaio, “que merecem outro final”.